

DOI: <http://dx.doi.org/10.18265/1517-0306a2021id4363>

# Práticas educativas parentais: a perspectiva de adolescentes de diferentes contextos sociais

Alanna Silva dos Santos <sup>[1]</sup> , Bianca Silva Araujo <sup>[2]</sup> ,  
Ana Cristina Rabelo Loureiro <sup>[3]</sup> 

[1] [alannacosta55@gmail.com](mailto:alannacosta55@gmail.com). [2] [biapsicologia80@gmail.com](mailto:biapsicologia80@gmail.com). [3] [anacristinaloureiro1@gmail.com](mailto:anacristinaloureiro1@gmail.com). Departamento de Psicologia / Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Brasil.

## RESUMO

Os genitores são considerados os principais responsáveis pela educação dos filhos, contribuindo significativamente para o seu desenvolvimento psicossocial. O presente estudo teve como objetivo analisar o olhar de adolescentes de diferentes idades e contextos sociais sobre os estilos e as práticas educativas de seus pais. Uma pesquisa qualitativa foi realizada com 30 adolescentes na faixa etária de 13 a 15 anos, sendo 15 de uma escola pública e 15 de uma escola privada, ambas localizadas na cidade de Campina Grande-PB. Para coleta dos dados foram empregados questionário sociodemográfico, cujos dados foram analisados por meio do GNU PSPP, e entrevista semiestruturada, com duração média de 10 minutos, submetida à análise de conteúdo bardiniana e à análise lexical do programa IRaMuTeQ. De acordo com a percepção dos participantes de ambas as escolas, o controle dos pais sobre os comportamentos indesejados dos filhos é predominantemente caracterizado pela utilização de estratégias punitivas com privação de privilégios, caracterizando o estilo autoritário. Os entrevistados apontam práticas indutivas com diálogo como a melhor estratégia para o controle de comportamentos inadequados. É necessário que os pais usem práticas mais indutivas e reconheçam a capacidade crítica do adolescente de analisar seus inter-relacionamentos.

Palavras-chave: Adolescentes. Estilo parental. Práticas educativas.

## *Parental educational practices: adolescent perspectives from various social contexts*

## ABSTRACT

*Parents are considered primarily responsible for their children's education, contributing significantly to their psychosocial development. The present study aimed to analyze the point of view of teenagers in different age groups and social contexts, styles, and the educational practices of their parents. Qualitative research was carried out with 30 teenagers, 15 from a public school and 15 from a private school located in Campina Grande-PB, with ages varying from 13 to 15 years old. For data collection, a sociodemographic questionnaire and semi-structured interview were used, with an average duration of 10 minutes, submitted to the analysis of bardinian content and lexical analysis of the IRaMuTeQ program, while the data from the questionnaire were analyzed using the GNU PSPP. According to the perception of the participants of both schools, the parents' control over their children's unwanted behaviors is predominantly characterized using punitive strategies with deprivation of privileges characterizing the authoritarian style. Participants, in turn, point out inductive practices with dialogue as the best strategy for controlling inappropriate behaviors. Thus, parents must use more inductive practices and recognize the adolescent's critical ability to analyze their interrelationships.*

Keywords: Educational practices. Parenting style. Teenage.

## 1 Introdução

Da antiguidade à contemporaneidade, a família é apontada como uma das organizações mais importantes e complexas da sociedade, tendo em vista que o ambiente familiar é considerado o principal responsável pela formação de valores e pelo desenvolvimento saudável do indivíduo. Tal fato representa fonte de interesse para pesquisadores e estudiosos de diferentes áreas, a exemplo da psicologia. Nesse contexto, parece ser consenso que as mudanças econômicas e socioculturais exercem influência sobre o modelo familiar, promovendo alteração na composição da chamada “família nuclear” tradicional, abrindo espaços para novos arranjos familiares. Em decorrência desse processo, observa-se que os valores, normas e costumes vêm sendo alterados, interferindo, direta ou indiretamente, nas relações sociais e afetivas entre pais e filhos (CÚNICO; ARPINI, 2013; GALANO, 2006; MORGADO; DIAS; PAIXÃO, 2013). Considerando todas as transformações ocorridas na família, a importância dos pais no processo de desenvolvimento e educação dos filhos e na organização da sociedade é reconhecida (BRONFENBRENNER, 1996, 2005; PIAGET, 2011).

Fundamentando-se numa perspectiva interacionista, Piaget (2011) argumenta que os pais exercem um papel fundamental no desenvolvimento social, afetivo, cognitivo e moral dos filhos. Especificamente sobre o desenvolvimento moral, Piaget (1977) discorre sobre a importância do diálogo e do respeito mútuo na relação parental, considerando a formação de regras, limites e valores como a justiça e a cooperação, os quais repercutirão nas escolhas e comportamentos dos filhos durante toda a vida.

Bronfenbrenner (1996) enfatiza o papel da família no processo de desenvolvimento das crianças e adolescentes a partir de uma perspectiva bioecológica, considerando as seguintes dimensões que interagem entre si: processo, pessoa, contexto e tempo. Analisando as características dessas dimensões, o mesmo autor destaca a participação ativa e recíproca entre as pessoas, considerando os diferentes contextos e seus respectivos níveis, entre eles, o microsistema que se caracteriza na relação familiar (BRONFENBRENNER, 2005). Embora haja um consenso sobre a importância dos pais no desenvolvimento dos filhos, estudos recentes vêm discutindo e analisando as mudanças nas relações parentais, considerando os papéis de cada genitor,

não só do ponto de vista econômico, mas também do afetivo e do social. Especificamente no Brasil, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2006) indicam que a família brasileira vem se modificando e que, embora se verifique que a mãe ainda é a principal responsável pela educação de seus filhos, o pai vem, a cada dia, assumindo uma corresponsabilidade nesse processo, sendo necessário, então, estabelecer políticas públicas para atender às novas demandas. Diante desse contexto, questiona-se sobre as relações sociais e afetivas estabelecidas entre pais e filhos, mais especificamente sobre as responsabilidades de cada genitor, as estratégias educativas utilizadas, os estilos parentais adotados, de acordo com as diferentes condições sociais, culturais e econômicas.

Buscando esclarecer essas questões e contribuir para maiores reflexões e debates em torno desse tema, muitos estudos vêm sendo desenvolvidos. Maia e Soares (2019), com o objetivo de comparar a percepção das práticas parentais de pais e mães com a percepção dos filhos sobre essas práticas, realizaram um estudo com 154 adolescentes, estudantes do 6º ano na cidade do Rio de Janeiro, e com seus respectivos pais. Os resultados indicaram que pais, mães e filhos tiveram diferentes percepções: enquanto as mães avaliaram seu estilo parental de forma mais positiva, os pais avaliaram seu estilo de forma mais negativa em comparação à percepção dos filhos. Da mesma forma, Moniz (2016) indica que pais e filhos percebem diferentemente as várias dimensões da parentalidade e da comunicação.

Em estudo realizado por Rinhel-Silva, Constantino e Rondini (2012), adolescentes provenientes de famílias numerosas em alta vulnerabilidade social apresentaram a percepção de que seus pais eram mais autoritativos do que negligentes. Outros estudos, reconhecendo a importância das vinculações parentais no desenvolvimento dos filhos, procuraram analisar o elo entre os estilos parentais e o desempenho escolar. Acerca dessa relação, Santos *et al.* (2014) indicam que o estilo autoritativo dos pais está associado à motivação e ao interesse dos filhos pela escola como um todo. Já Toni e Hecaveí (2014) encontraram correspondências entre as práticas educativas maternas e o desempenho acadêmico de crianças paranaenses.

Nesse sentido, este trabalho teve como objetivo analisar os estilos e as práticas educativas dos pais sob o olhar de seus filhos adolescentes, de diferentes idades e contextos sociais.

## 2 Referencial teórico

Nesta seção são apresentados os principais pontos teóricos sobre o trabalho desenvolvido neste artigo.

### 2.1 Estilos parentais

Ao se abordar o tema das relações sociais e afetivas entre pais e filhos, frequentemente se recorre ao conceito de estilo parental, que, segundo Weber (2007), é definido como um conjunto de práticas educativas, utilizadas pelos progenitores, considerando os comportamentos, as atitudes e o clima emocional presentes na relação parental.

Baumrind (1966, 1967, 1971) é considerada uma das pioneiras nos estudos sobre estilos parentais. Partindo da perspectiva de que os pais exercem controle e liderança sobre os filhos, a referida autora estudou as consequências desse controle na vida de crianças pré-escolares. O resultado desses estudos possibilitou a caracterização da seguinte tipologia: 1) estilo autoritário, caracterizado pela tendência dos pais em controlar e modelar os comportamentos dos filhos, de forma rígida, tendo pouco cuidado e diálogo; 2) estilo autoritativo, identificado pelo estabelecimento de limites e regras, por meio da comunicação e da explicação das possíveis consequências dos comportamentos dos filhos, de forma afetiva; 3) estilo permissivo, constituído pelo cuidado excessivo dos pais, acompanhado de muita atenção e apoio emocional, mas com poucas exigências e controle sobre o comportamento dos filhos.

A tipologia caracterizada por Baumrind foi posteriormente estudada por Maccoby e Martin (1983), considerando o cruzamento das dimensões exigência (controle do comportamento e estabelecimento de condutas do filho) e responsividade (capacidade dos pais de atenderem às necessidades e particularidades dos filhos). O resultado desses estudos possibilitou a seguinte modificação na tipologia proposta por Baumrind: estilo autoritativo (altos níveis de exigência e responsividade); estilo autoritário (alta exigência e baixa responsividade); estilo indulgente (alta responsividade e baixa exigência) e estilo negligente (baixa responsividade e baixa negligência).

Autores consideram que os estilos parentais são um dos aspectos a serem pesquisados nas interações entre pais e filhos, tendo em conta suas consequências no desenvolvimento das crianças e adolescentes (WEBER *et al.*, 2004; WEBER *et al.*, 2006). Realizam-se estudos que buscam analisar e correlacionar os

efeitos dos estilos parentais nas habilidades sociais dos filhos, em seu desempenho escolar, na drogadição, na resiliência, na violência, etc.

### 2.2 Práticas educativas

Há de se elencar diferenças entre autores quanto à utilização dos termos “estilos parentais”, “estratégias educativas” e “práticas educativas”. As práticas educativas referem-se às atitudes e métodos utilizados pelos pais na educação dos filhos, dependem de vários fatores e visam atingir determinados objetivos, em diferentes contextos, conforme indicam Alvarenga e Piccinini (2007), Bem e Wagner (2006) e Cecconello, De Antoni e Koller (2003). Já as estratégias educativas parentais estão mais relacionadas ao controle e à afetividade, com a finalidade de comunicar o que os pais querem que seja modificado no comportamento socialmente inadequado da prole, envolvendo questões relativas à hierarquia, à disciplina e à tomada de decisão, como defendem Alvarenga e Piccinini (2001, 2007) e Patias, Siqueira e Dias (2013). Apesar dessa diferenciação, observa-se que, na maioria dos estudos empíricos, essa questão não é tratada com um enfoque maior. Portanto, há uma tendência clara em se referir às práticas educativas sem diferenciá-las das estratégias. Do mesmo modo, o presente estudo não utiliza os termos “práticas educativas” e “estratégias educativas” de forma distinta.

Especificamente em relação às estratégias educativas, Hoffman (1975) é considerado um dos principais teóricos nessa área. O referido autor distingue dois tipos de estratégias: 1) as indutivas, que se caracterizam pelo controle indireto, com a utilização de explicações e negociações; 2) as coercitivas, que se caracterizam pela aplicação direta da força, do controle, da imposição, incluindo a punição física, a privação de privilégios e afetos, bem como o uso de ameaças.

Gomide *et al.* (2005) distinguem as estratégias educativas em dois tipos: estratégias negativas e estratégias positivas. As primeiras se relacionam às práticas com abuso físico, punição inconsistente, monitoria negativa, disciplina relaxada e negligência. As segundas se caracterizam pelo monitoramento dos pais em relação ao comportamento moral dos filhos, sendo estas responsáveis pelo desenvolvimento de habilidades pró-sociais.

Alguns estudos procuraram analisar a relação entre as práticas educativas e o desempenho de crianças e adolescentes. As práticas educativas

positivas são preditoras de comportamentos pró-sociais de crianças, conforme indicam Salvo, Silvares e Toni (2005). Por outro lado, as práticas educativas negativas dos pais são preditoras de menor autonomia dos adolescentes (BARBOSA *et al.*, 2017; PACHECO; SILVEIRA; SCHNEIDER, 2008).

As práticas educativas dos pais têm sido frequentemente analisadas em relação ao desempenho escolar dos filhos, e os resultados dos estudos indicam uma correlação positiva entre a responsividade dos pais (principalmente da mãe) e o bom desempenho escolar de crianças e adolescentes (HORN; SILVA; PATIAS, 2020; SANTOS *et al.*, 2014; SAPIENZA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2009; TONI; HECAVEÍ, 2014).

Ainda correlacionando a influência das estratégias educativas dos pais ao desenvolvimento dos filhos, os estudos de Pacheco, Silveira e Schneider (2008) indicam que práticas educativas dos pais como a responsividade, o envolvimento e o afeto auxiliam positivamente na formação da autonomia, da responsabilidade, da tomada de decisão e da independência dos filhos adolescentes.

A literatura evidencia também uma correlação entre as estratégias educativas negativas adotadas pelos progenitores e a agressividade, a baixa autoestima e os comportamentos de risco da prole, incluindo, por exemplo, a dependência química e a gestação precoce (BROECKER; JOU, 2007; DELATORRE; PATIAS; DIAS, 2015; SAPIENZA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2009).

Pode-se inferir, então, que o uso contínuo do diálogo na relação parento-filial, bem como a utilização de práticas educativas positivas, é considerado de fundamental importância para o desenvolvimento socioafetivo das crianças e adolescentes. Percebe-se, no entanto, que há vários estudos analisando os efeitos das práticas educativas dos pais no desenvolvimento dos filhos, mas poucos em relação ao olhar dos filhos sobre a relação com seus pais, fato que motivou a realização do presente estudo.

### 3 Método da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de campo qualitativa do tipo descritiva. Conforme argumenta Minayo (1994), esse tipo de pesquisa possibilita trabalhar com valores, ações, crenças e significados, não se reduzindo à operacionalização das variáveis.

Fizeram parte deste estudo 30 adolescentes com idades variando de 13 a 15 anos (sendo 10

adolescentes para cada idade), sendo 15 estudantes em uma escola pública e 15 em uma escola privada, ambas situadas na cidade de Campina Grande-PB.

Considerando que é uma pesquisa com seres humanos, o projeto foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual da Paraíba (CEP-UEPB), conforme determinação do Conselho Nacional de Saúde, estabelecida na Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012 (CAAE 84025118.3.0000.5187).

A amostra foi definida aleatoriamente, a partir da decisão voluntária dos adolescentes de participarem da pesquisa, tendo em vista que as pesquisadoras comunicaram nas salas de aula o objetivo da pesquisa e perguntaram quem tinha interesse em participar. Considerando a idade dos participantes, solicitou-se a autorização dos respectivos pais por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

As entrevistas foram realizadas nas escolas, individualmente, em horários definidos com a direção da escola e os respectivos professores dos adolescentes, tendo duração média de 10 minutos e sendo gravadas.

Os dados coletados por meio da entrevista foram analisados de forma qualitativa, fundamentando-se na técnica de análise de conteúdo categorial temática, apresentada por Bardin (2009), de acordo com as seguintes etapas: pré-análise, exploração de material, tratamento de resultados, inferências e interpretação das pesquisadoras.

Para garantir a fidedignidade do processo de análise e identificação das categorias, o material foi submetido ao julgamento de cinco juízes, sendo consideradas as categorias que obtiveram 100% de acordo entre eles. Não se verificou diferença significativa entre as respostas às categorias relativas a cada questão, considerando-se os diferentes contextos sociais.

É importante destacar que as categorias não foram excluídas, já que as respostas dadas por um mesmo participante poderiam ser inseridas em mais de uma categoria. Os dados do questionário sociodemográfico foram analisados por meio da utilização do software GNU PSPP 1.

Foi utilizado também o software IRaMuTeQ, buscando identificar se os resultados da análise lexical

1 Programa de análise de dados similar ao SPSS, porém distribuído sob a licença GPL.

se assemelhavam àqueles da análise de conteúdo categorial temática, identificando-se a nuvem de palavras referente a cada questão.

De acordo com Camargo e Justo (2018), o software IRaMuTeQ possibilita analisar diferentes dados textuais a respeito de uma temática. Especificamente em relação à nuvem de palavras, os autores citados explicam que se trata de uma análise lexical que permite o agrupamento de palavras, as quais aparecem em tamanhos distintos que variam a partir das frequências no *corpus* textual – as palavras que apresentam elevada frequência aparecem graficamente destacadas.

## 4 Resultados e discussão

Nesta seção são apresentados os principais resultados obtidos na pesquisa e a discussão dos mesmos.

### 4.1 Dados sociodemográficos

A partir do questionário sociodemográfico, foi possível identificar que, do total de 15 participantes da escola privada, 80% residem com o pai e a mãe e 20% apenas com a mãe. Desse total de estudantes, 86,7% pertencem a famílias cuja renda é maior que dois salários mínimos, enquanto a renda familiar de 13,3% dos estudantes varia de um a dois salários mínimos. Com relação à escolaridade dos pais, evidenciou-se que 46,7% possuem nível superior completo, 20% concluíram o ensino médio, 13,3% possuem o nível médio incompleto, 10% o ensino superior incompleto, 6,7% o ensino fundamental completo e 3,33%, o ensino fundamental incompleto.

Do total dos adolescentes da escola pública, 60% residem com o pai e a mãe, 33,3% com a mãe, e uma adolescente reside com o esposo. Em relação à renda das famílias desses participantes, 35,7% afirmaram que esta varia de um a dois salários mínimos, enquanto 28,6% das famílias recebem até um salário mínimo, 28,6% têm renda acima de dois salários mínimos e 7,1% recebem menos de um salário mínimo. Ademais, 42,8% dos genitores desses participantes concluíram o ensino médio, 21,4% têm o ensino fundamental completo, 21,4% o ensino fundamental incompleto, 7,1% o ensino médio incompleto e 7,1% o ensino superior. Dois adolescentes não souberam responder a escolaridade do pai.

Pontuam-se, portanto, os diferentes resultados das duas amostras, considerando-se os dados

sociodemográficos, com destaque para as diferenças de salário, de nível de escolaridade e do tipo de arranjo familiar, caracterizando os distintos contextos sociais.

### 4.2 Entrevista semiestruturada

A partir dos dados obtidos, constatou-se que não houve diferença significativa entre as categorias elaboradas a partir das respostas dos adolescentes das escolas pública e privada. Contudo, foram identificadas algumas categorias relativas às respostas que divergiram entre as duas instituições escolares. Essas categorias serão, oportunamente, indicadas nas respectivas respostas a cada questão.

No que se refere à pergunta “Como seus pais agem quando você não faz o que eles pedem?”, foi possível identificar as categorias e frequências indicadas na Tabela 1. Essas categorias foram comuns tanto para a amostra dos participantes da escola pública quanto para a da privada.

**Tabela 1** – Frequência e percentuais de resposta às categorias relativas à pergunta “Como seus pais agem quando você não faz o que eles pedem?”

CATEGORIAS	F	%
Reclamam/brigam	43	75,44%
Punem	8	14,03%
Dialogam	6	10,53%
<b>TOTAL</b>	<b>57</b>	<b>100%</b>

Fonte: dados da pesquisa

Em relação ao agrupamento das respostas dos adolescentes da escola pública, foram identificadas as seguintes categorias: “Não fazem nada” (6,66%) e “Ficam tristes” (10%). Nota-se, também, que a categoria “Dão uma segunda chance” constituiu agrupamento de 8,57% das respostas dos adolescentes da escola privada.

Desse modo, os resultados evidenciam que, de acordo com a visão dos participantes, 75,44% dos pais utilizam a reclamação/briga como forma de controle do comportamento indesejado dos filhos, seguida pela punição, com 14,03%. Verifica-se pouco diálogo e ausência de justificativa para tal conduta, o que caracteriza o estilo autoritário (BAUMRIND, 1966) com práticas educativas coercitivas (HOFFMAN, 1990).

No que se refere aos resultados encontrados na análise lexical relativa à questão “Como seus pais

agem quando você não faz o que eles pedem?”, é possível observar na Figura 1 que, no *corpus* do texto, a palavra “reclamar” apareceu com maior frequência, corroborando os achados da análise de conteúdo bardiniana dessa mesma questão.

**Figura 1** – Análise lexical por meio da Nuvem de Palavras acerca da questão “Como seus pais agem quando você não faz o que eles pedem?”



Fonte: dados da pesquisa

Esses dados corroboram os encontrados na pesquisa realizada por Loureiro, Santos e Silva (2017), que investigaram as relações parentais sob o olhar de crianças de 6 a 12 anos de escolas públicas e privadas da cidade de Campina Grande-PB. Os resultados dessa pesquisa indicaram que as crianças perceberam seus pais como figuras autoritárias, uma vez que suas práticas educativas eram predominantemente coercitivas e sem diálogo.

Em contraste, o estudo de Patias *et al.* (2018), com 296 adolescentes de 14 a 19 anos de escolas públicas e privadas da cidade de Passo Fundo-RS, identificou que a maioria dos participantes caracterizam seus pais com o estilo parental negligente (33,1%), seguido pelo estilo parental autoritativo/competente (32,7%).

Os resultados encontrados na pesquisa de Maia e Soares (2019) apontam discrepâncias na percepção de filhos com idade variando de 9 a 15 anos e de suas mães a respeito da relação parental. Enquanto a percepção das mães é a de que adotam frequentemente práticas parentais positivas, os filhos apontam alto escore na dimensão de abuso físico na estratégia educativa dos pais, indicando a predominância de práticas educativas negativas.

Como já mencionado, neste estudo não se verificou diferença nas respostas dos adolescentes sobre o estilo parental e as práticas educativas dos respectivos pais, considerando a idade e o contexto socioeconômico. Diferentemente dos resultados encontrados no estudo de Patias *et al.* (2018), os quais indicaram que a maioria

dos adolescentes mais velhos identificam seus pais com atitudes predominantemente autoritativas/competentes, enquanto o grupo de adolescentes mais novos percebe as mães como figuras autoritárias.

Diante desses resultados, enfatizam-se os efeitos e consequências dos estilos e práticas educativas parentais no desenvolvimento dos filhos. Alguns estudos indicam que as estratégias educativas negativas, sem diálogo, afeto e limites, influenciam negativamente as ações e comportamentos das crianças e adolescentes; em contraste, práticas positivas são preditoras do desenvolvimento saudável (BARBOSA *et al.*, 2017; DELATORRE; PATIAS; DIAS, 2015; GOMIDE *et al.*, 2005; HOFFMAN, 1990; SALVO; SILVARES; TONI, 2005).

Os resultados encontrados nas pesquisas de Broecker e Jou (2007), Ceconello, De Antoni e Koller (2003), Gomide (2006), Gomide *et al.* (2005), Pacheco, Teixeira e Gomes (1999) e Patias, Siqueira e Dias (2013) salientam que a prática educativa coercitiva representa um fator de risco no desenvolvimento e na adaptação do sujeito; além disso, é preditora de comportamentos de risco, a exemplo do envolvimento dos filhos com entorpecentes, comportamentos disfuncionais, baixo rendimento escolar e baixa autoestima.

Na pesquisa de Delatorre, Patias e Dias (2015), para analisar a relação entre as práticas educativas e a gravidez na adolescência, são utilizados os resultados do *Parenting Styles Inventory*, que apontam alta presença de práticas educativas positivas entre as mães das participantes sem experiência de gravidez. Em contrapartida, as adolescentes grávidas relataram que suas genitoras utilizam práticas de risco, a exemplo da punição física. Entretanto, é importante destacar que também foram encontradas condutas de risco nas mães das adolescentes não grávidas, porém, em menor frequência.

Tais achados corroboram a teoria de Hoffman (1990), a qual denota que as práticas educativas coercitivas acarretam prejuízo ao desenvolvimento psíquico e emocional, tendo em vista que propiciam o sentimento de medo, insegurança e ansiedade, além de influenciar negativamente a resolução de problemas e a capacidade de se adequar às diferentes situações.

Ao questionar os participantes com a pergunta “Como os pais deveriam agir quando os adolescentes não fazem o que eles pedem?”, obtiveram-se duas categorias comuns às frequências de respostas dos adolescentes, tanto na escola pública quanto na privada: “Dialogar” e “Brigar/Punir”, como ilustra a Tabela 2.

**Tabela 2** – Frequência e percentuais de resposta às categorias relativas à pergunta “Como os pais deveriam agir quando os adolescentes não fazem o que eles pedem?”

CATEGORIAS	F	%
Dialogar	26	72,22%
Brigar/Punir	10	27,78%
TOTAL	36	100%

Fonte: dados da pesquisa

Identificou-se, a partir do agrupamento das respostas dos adolescentes da escola pública, a categoria “Ter calma” (14,29%). Destaca-se, também, a identificação da categoria “Respostas indefinidas”, com 10% das respostas dos adolescentes da escola privada.

Assim, é possível observar que a categoria “Dialogar” apresentou uma frequência de respostas mais alta, e a “Brigar/Punir”, uma frequência mais baixa, indicando que, de acordo com os adolescentes participantes, a melhor forma de os pais controlarem os comportamentos indesejados dos filhos é o diálogo.

Ao se utilizar o software IRaMuTeQ para analisar as respostas à pergunta “Como os pais deveriam agir quando os adolescentes não fazem o que eles pedem?”, foi possível encontrar na Nuvem de Palavras, de forma preponderante, a palavra “Conversar”, seguida por “Dever” e “Achar”, como se pode observar na Figura 2.

**Figura 2** – Análise lexical por meio da Nuvem de Palavras acerca da questão “Como os pais deveriam agir quando os adolescentes não fazem o que eles pedem?”



Fonte: dados da pesquisa

Portanto, em ambas as estratégias de análise dos dados, a categoria “Dialogar” e a palavra “Conversar” aparecem de forma predominante nas respostas dos participantes. Reitera-se que, de acordo com a visão dos adolescentes, a melhor forma de controle do comportamento é o diálogo, ressaltando-se a

compreensão e a explicação. Caracterizam-se, assim, o estilo autoritativo (BAUMRIND, 1966) e a estratégia educativa indutiva, segundo a tipologia proposta por Hoffman (1975).

Outro fato importante é que os adolescentes avaliam o estilo autoritativo dos pais como o mais eficiente para a promoção de comportamentos adaptativos mais adequados, corroborando os estudos referenciados que indicam os efeitos positivos das práticas educativas indutivas, quando o diálogo e o controle se fazem presentes na relação parental.

Não foram encontrados estudos voltados a analisar como os adolescentes avaliam a maneira segundo a qual seus pais devem agir, mas é bem significativa a literatura sobre a avaliação dos adolescentes acerca dos estilos parentais adotados por seus pais, bem como sobre as consequências desse processo no desenvolvimento, considerando várias dimensões (CRUZ *et al.*, 2019; HORN; SILVA; PATIAS, 2020; TONDOWSKI *et al.*, 2015).

Note-se que os adolescentes apontam o diálogo como estratégia mais eficaz, embora, em sua avaliação, seus pais adotem, predominantemente, práticas educativas coercitivas. Tais dados indicam uma capacidade crítica dos adolescentes em avaliarem a forma mais adequada de lidar com eles mesmos, corroborando os estudos teóricos de Baumrind (1971), Hoffman (1990) e Piaget (1977). Faz-se necessário, então, realizar mais estudos que analisem a forma como os filhos avaliam as práticas educativas e os estilos parentais.

Estudos como o de Barbosa *et al.* (2017), que objetivam avaliar a percepção dos pais e dos filhos a respeito da autonomia desses últimos e da exigência e responsividade daqueles, evidenciaram similaridade na visão dos pais e dos filhos adolescentes a respeito das ações predominantes na relação parental, sendo essas avaliadas como positivas e com alto nível de exigência e responsividade.

Assim, aponta-se para a relevância não só de analisar estudos voltados para as consequências dos estilos parentais no desenvolvimento dos filhos, mas também de envidar maiores interesses na forma como os adolescentes avaliam o comportamento educativo de seus pais.

## 5 Considerações finais

Diante das análises realizadas no presente estudo, foi possível verificar que não houve

diferenças significativas em relação às respostas dos adolescentes sobre as práticas educativas adotadas por seus genitores, considerando a faixa etária e o nível socioeconômico, diferentemente dos resultados encontrados em alguns estudos como o de Carmo e Alvarenga (2012). Contudo, conforme os resultados encontrados por Loureiro e Santos (2016) e Loureiro, Santos e Silva (2017), não foram identificadas diferenças significativas nas respostas das crianças e dos adolescentes em relação às práticas educativas de seus pais. Fazem-se necessárias, portanto, mais análises abordando essa questão.

Apesar de se observar que os resultados obtidos na análise lexical e na análise de conteúdo foram convergentes, é importante a ampliação do conhecimento sobre o assunto por meio de outros estudos.

Os resultados aqui analisados apontam para a relevância do tópico, bem como para a importância de se desenvolverem programas educativos voltados para o conteúdo das relações parentais, buscando problematizar, para os pais e adolescentes, as formas de estabelecer relações sociais e afetivas, fundamentadas no diálogo, no respeito e na compreensão.

Os resultados do presente estudo indicam que os adolescentes são capazes de fazer análises críticas bastante pertinentes sobre a relação com seus pais e sobre as práticas mais adequadas em seu processo educativo.

Ademais, pontua-se que essa temática, apesar de ser debatida há muito tempo, carece de bastante atenção, considerando que as mudanças ocorridas na família não indicam avanços qualitativos nas relações parentais. Vislumbra-se, portanto, que os resultados encontrados aqui possam contribuir para melhorar essas relações, principalmente no que se refere ao controle de comportamento dos filhos e à modificação de condutas negativas, priorizando o diálogo e as relações afetivas, tendo em vista o impacto dos estilos e estratégias educativas no desenvolvimento social, psíquico e emocional do sujeito, que repercutirá ao longo da vida.

Desse modo, faz-se necessária a realização de mais pesquisas e estudos que possibilitem uma compreensão mais aprofundada sobre a correlação entre práticas educativas e contexto socioeconômico.

## REFERÊNCIAS

ALVARENGA, P.; PICCININI, C. A. O impacto do temperamento infantil, da responsividade e das práticas educativas maternas nos problemas de externalização e na competência social da criança. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 20, n. 2, p. 314-323, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000200018>.

ALVARENGA, P.; PICCININI, C. A. Práticas educativas maternas e problemas de comportamento em pré-escolares. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 14, n. 3, p. 449-460, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722001000300002>.

BARBOSA, P. V.; NEUMANN, A. P.; ALVES, C. F.; TEIXEIRA, M. A. P.; WAGNER, A. Autonomia, responsividade/exigência e legitimidade da autoridade parental: perspectiva de pais e adolescentes. **PsicoUSF**, v. 22, n. 1, p. 23-34, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712017220103>.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

BAUMRIND, D. Child care practices anteceding three patterns of preschool behavior. **Genetic Psychology Monographs**, v. 75, n. 1, p. 43-88, 1967. Disponível em: <https://img3.reoveme.com/m/8fea8f4067e8196d.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2022.

BAUMRIND, D. Current patterns of parental authority. **Developmental Psychology Monographs**, v. 4, n. 1, p. 1-103, 1971. DOI: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0030372>.

BAUMRIND, D. Effects of authoritative parental control on child behavior. **Child Development**, v. 37, n. 4, p. 887-907, 1966. DOI: <https://doi.org/10.2307/1126611>.

BEM, L. A.; WAGNER, A. Reflexões sobre a construção da parentalidade e o uso de estratégias educativas em famílias de baixo nível socioeconômico. **Psicologia em Estudo**, v. 11, n. 1, p. 63-71, abr. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722006000100008>.

BROECKER, C. Z.; JOU, G. I. Práticas educativas parentais: a percepção de adolescentes com e sem dependência química. **Psico-USF**, v. 12, n. 2, p. 269-279, dez. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712007000200015>.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. (ed.). **Making human beings human: bioecological perspectives on human development**. California: Sage Publications, 2005.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. **Tutorial para uso do software IRaMuTeQ** (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). 2018. Disponível em: <http://iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-portugais-22-11-2018>. Acesso em: 3 mar. 2022.

CARMO, P. H. B.; ALVARENGA, P. Práticas educativas coercitivas de mães de diferentes níveis socioeconômicos. **Estudos de Psicologia**, v. 17, n. 2, p. 191-197, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000200001>.

CECCONELLO, A. M.; DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em Estudo**, v. 8, n. spe, p. 45-54, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000300007>.

CRUZ, M. A. M.; CASTILLO, M. M. A.; GARCÍA, N. A. A.; RODRÍGUEZ, N. N. O. Estilos parentais e el involucramiento con el consumo de alcohol en adolescentes de secundaria. **Journal Health Npeps**, v. 4, n. 2, p. 215-229, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/jhnpeps/article/view/3801>. Acesso em: 3 mar. 2022.

CÚNICO, S. D.; ARPINI, D. M. A família em mudanças: desafios para a paternidade contemporânea. **Pensando Famílias**, v. 17, n. 1, p. 28-40, 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2013000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000100004). Acesso em: 3 mar. 2022.

DELATORRE, M. Z.; PATIAS, N. D.; DIAS, A. C. G. Educational practices and the relationship between parents and their pregnant and non-pregnant adolescent daughters. **Journal of Human Growth and Development**, v. 25, n. 2, p. 141-150, 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.7322/JHGD.102992>.

GALANO, M. H. **Família e História: a história da família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

GOMIDE, P. I. C. **Inventário de estilos parentais – IEP: modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

GOMIDE, P. I. C.; SALVO, C. G.; PINHEIRO, D. P. N.; SABBAG, G. M. Correlação entre práticas educativas, depressão, estresse e habilidades sociais.

**Psico-USF**, v. 10, n. 2, p. 169-178, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712005000200008>.

HOFFMAN, M. L. Moral internalization, parental power, and the nature of parent-child interaction. **Developmental Psychology**, v. 11, n. 2, p. 228-239, 1975. DOI: <https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/h0076463>.

HOFFMAN, M. L. The contribution of empathy to justice and moral judgement. In: EISENBERG, N.; STRAYER, J. (ed.). **Empathy and its development**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 47-80.

HORN, A. M.; SILVA, K. A.; PATIAS, N. D. Estilos e práticas educativas parentais e desempenho escolar em adolescentes de Ensino Médio. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 1, p. 168-186, 2020. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2020.50795>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE detecta mudanças na família brasileira**. 2006. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?view=noticia&id=18&idnoticia=774&busca=1&t=ibge-detecta-mudancas-familia-brasileira>. Acesso em: 18 jun. 2019.

LOUREIRO, A. C. R.; SANTOS, A. S.; SILVA, L. M. **Análise das relações parentais sob o olhar das crianças**. Pesquisa de PIBIC. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2017.

LOUREIRO, A. C. R.; SANTOS, D. P. B. P. **Relações parentais sob o olhar das crianças: uma análise das práticas educativas**. Pesquisa de PIBIC. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2016.

MACCOBY, E. E.; MARTIN, J. A. Socialization in the context of the family: parent-child interaction. In: MUSSEN, P. H.; HETHERINGTON, E. M. (ed.). **Handbook of child psychology**. New York: Wiley, 1983. v. 4, p. 1-101.

MAIA, F. A.; SOARES, A. B. Diferenças nas práticas parentais de pais e mães e a percepção dos filhos adolescentes. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 59-82, 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072019000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072019000100005). Acesso em: 3 mar. 2022.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método, criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MONIZ, M. M. **Percepção da parentalidade e da comunicação em crianças, adolescentes e pais: estudo comparativo – ilhas de São Miguel e Santa**

Maria. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, 2016.

MORGADO, A. M.; DIAS, M. L. V.; PAIXÃO, M. P. O desenvolvimento da socialização e o papel da família. **Análise Psicológica**, v. 31, n. 2, p. 129-144, 2013. DOI: <https://doi.org/10.14417/ap.751>.

PACHECO, J. T. B.; SILVEIRA, L. M. O. B.; SCHNEIDER, A. M. A. Estilos e práticas educativas parentais: análise da relação desses construtos sob a perspectiva dos adolescentes. **Psico**, v. 39, n. 1, p. 66-73, 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistapsico/article/view/1480>. Acesso em: 3 mar. 2022.

PACHECO, J. T. B.; TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Estilos parentais e desenvolvimento de habilidades sociais na adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 15, n. 2, p. 117-126, ago. 1999. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37721999000200004>.

PATIAS, N. D.; DEBON, C.; ZANIN, S. C. G.; SIQUEIRA, A. C. How have parents raised their kids? Adolescent's perception of parental responsiveness and demandingness. **Psico-USF**, v. 23, n. 4, p. 643-652, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230405>.

PATIAS, N. D.; SIQUEIRA, A. C.; DIAS, A. C. G. Práticas educativas e intervenção com pais: a educação como proteção ao desenvolvimento dos filhos. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, v. 21, n. 1, p. 29-40, 2013. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-1019/mud.v21n1p29-40>.

PIAGET, J. **O julgamento moral na criança**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.

PIAGET, J. **Para onde vai a educação?** Tradução de Ivette Braga. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

RINHEL-SILVA, C. M.; CONSTANTINO, E. P.; RONDINI, C. A. Família, adolescência e estilos parentais. **Estudos de Psicologia**, v. 29, n. 2, p. 221-230, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2012000200008>.

SALVO, C. G. D.; SILVARES, E. F. M.; TONI, P. M. Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. **Estudos de Psicologia**, v. 22, n. 2, p. 187-195, jun. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2005000200008>.

SANTOS, J. L. F.; FONSÊCA, P. N.; BRASILEIRO, T. C.; ANDRADE, P. O.; FREITAS, N. B. C. A relação entre os estilos parentais e o engajamento escolar.

**Temas em Psicologia**, v. 22, n. 4, p. 759-769, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.4-07>.

SAPIENZA, G.; AZNAR-FARIAS, M.; SILVARES, E. F. M. Competência social e práticas educativas parentais em adolescentes com alto e baixo rendimento acadêmico. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 22, n. 2, p. 208-213, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722009000200006>.

TONDOWSKI, C. S.; BEDENDO, A.; ZUQUETTO, C.; LOCATELLI, D. P.; OPALEYE, E. S.; NOTO, A. R. Estilos parentais como fator de proteção ao consumo de tabaco entre adolescentes brasileiros. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, n. 12, p. 2514-2522, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00168614>.

TONI, C. G. S.; HECAVEÍ, V. A. Relações entre práticas educativas parentais e rendimento acadêmico em crianças. **Psico-USF**, v. 19, n. 3, p. 511-521, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-82712014019003013>.

WEBER, L. **Eduque com carinho: equilíbrio entre amor e limites**. 2. ed. rev. e atual. Curitiba: Juruá, 2007.

WEBER, L. N. D.; SELIG, G. A.; BERNARDI, M. G.; SALVADOR, A. P. V. Continuidade dos estilos parentais através das gerações: transmissão intergeracional de estilos parentais. **Paidéia**, v. 16, n. 35, p. 407-414, dez. 2006. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2006000300011>.

WEBER, L. N. D.; PRADO, P. M.; VIEZZER, A. P.; BRANDENBURG, O. J. Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 17, n. 3, p. 323-331, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722004000300005>.